

Projeto Future-se na Amazônia: Por uma cultura do Pensar no Estado do Pará

| Aline Gomes Rossi Moraes

RESUMO

O presente trabalho é um artigo científico sobre o projeto Future-se na Amazônia, um projeto de cunho filosófico- literário que tem por objetivo fundar o pensamento filosófico paraense, a fim de incentivar a consciência do sujeito histórico paraense para a valorização da sua identidade amazônica e do seu protagonismo no lugar que habita. O artigo procura refletir sobre o descaso do paraense com a sua identidade, muitas vezes, demonstrado pela desvalorização da sua cultura, vestimentas típicas e espaços e patrimônios públicos que o identificam com tal, em troca de outras culturas ou do apagamento da que subjaz. Por meio das aulas de Filosofia, constatou-se duas situações problema que podem ser a causa do descaso e da desvalorização com a identidade paraense e com o seu protagonismo que são: a ausência de uma cultura do pensar intencional no sistema educacional e popular dos paraenses e de um pensamento coeso, lógico e estruturado de um pensar filosófico paraense. Desta forma, faz-se necessário o enfrentamento da problemática e possibilitar que o que falta nesse processo seja refletido e norteie ações para instaurar um novo paradigma que transformará a situação atual. O artigo tem por finalidade apontar soluções e sugerir como proposta de intervenção, um novo sistema educacional, oriundo de um novo paradigma pedagógico, filosófico literário que se chama: projeto Future-se na Amazônia. Data feita, o novo paradigma de Educação oriundo da autoafirmação do pensamento filosófico paraense estruturar-se-á com o lançamento do método AAPP referente às palavras: ambientação, apresentação, perguntas, produção de conteúdos e conhecimentos, que são os pilares da Pedagogia da Amazônia Paraense como novo modelo de paradigma para a educação do futuro na Amazônia e dos sujeitos históricos paraenses na conjuntura atual que coloca a Amazônia como celeiro global de recursos para salvaguarda do planeta.

Palavras-chave: Filosofia, Crianças, Amazônia, Paradigma, Educação.

■ INTRODUÇÃO

Falar de Amazônia é pensar na biodiversidade, flores, fauna e flora, problemas ambientais, efeito estufa, desmatamento, poluição, queimadas, garimpo, pulmão do mundo, preservação e futuro da vida no planeta entre outros elementos que fazem parte do bioma amazônico. Percebe-se que no geral estes jargões são pensados de forma global, muitas vezes como estereótipos de pessoas de fora, abstraindo da região a sua identidade local, centrado no sujeito que pensa e é a Amazônia viva. Nota-se que a floresta está em primeiro plano e que o interesse é em mantê-la de pé a todo custo, por interesses legítimos, mas que incidem de fora para dentro da região, numa corrida frenética de acordos, e investimentos políticos. Em contrapartida o sujeito que nela habita ainda nem processou o seu papel e real lugar de fala e participação nessa conceituação. O trabalho desta pesquisa que começou da prática docente até perceber a problemática existente, quer conotar que a Amazônia além de ser vista e pensada com os jargões que já foram citados, deve ser vista e pensada a partir do Sujeito histórico nativo que vive e é a Amazônia por excelência. Não objeta-se a participação global de um cerco de preservação da Região, mas pleiteia-se que a Amazônia seja vista completa, isto é, biodiversa, em si mesma e com os seus sujeitos, suas comunidades de povos originários, suas culturas, e que estes sejam respeitados e com direitos assegurados e defendidos também por quem quer preservar a Amazônia floresta.

Com a prática docente utilizando a metodologia de comunidade de investigação de Lipman¹, constatou-se que para além das florestas, o que não é menos importante, é necessário começar a pensar a Amazônia a partir dos que a habitam e também são a Amazônia. Muitas vezes ocorre que danças, vestimentas e até expressões culturais da região são consideradas exóticas pelo próprio nativo. E qual o problema disto, é que por exótico, entende-se o que é diferente, estranho, sem forma. Logo, uma conceituação que vai para o dia a dia do amazônida no imaginário e atitudes. Desta forma, já que a cultura é exótica ela não é referente a sua existencialidade e nem corresponde a sua identidade.

O artigo, procurará ratificar que na Amazônia Paraense, existe uma Filosofia Amazônica, isto é um pensamento filosófico próprio e não só, que existe uma Pedagogia Amazônica Paraense que deve ser utilizada como um novo paradigma para uma Amazônia de valores e de identidade com protagonismo do seu sujeito histórico, importante a ser conhecida para ampliar o repertório cultural e quebrar estereótipos e paradigmas totalmente a quem da cultura da região.

1 LIPMAN. Matthew. Filósofo. Criador da Filosofia com crianças. Professor de Filosofia nos Estados Unidos.

O artigo quer responder as perguntas: Existe uma filosofia na Amazônia? Existe uma forma de pensar própria do sujeito histórico amazônico? Qual é a Filosofia da Amazônia Paraense? Existe um modelo de educação que possibilite a formação do sujeito para a valorização da sua identidade e protagonismo na Região Amazônica Paraense? Como a filosofia pode auxiliar a construção de um modelo pedagógico de educação a fim de formar integralmente o sujeito amazônida? Como a Filosofia pode servir de base teórica para favorecer uma literatura que potencialize e exercite o pensamento crítico reflexivo-racional do sujeito amazônida. O artigo mais que um depósito de informações é um percurso investigativo que reflete a experiência de docência em filosofia com crianças que repercutiu em pesquisas, oficinas, projetos e coleção de livros como é o caso do Projeto Future-se na Amazônia, evidenciando que realmente na Amazônia além da riqueza natural é exponencial a riqueza teórica, epistemológica, gnosiológica e hermenêutica que propicia a fundação de um pensamento sistêmico filosófico e pedagógico.

O artigo quer ser um ponto luminoso, de esperança para o favorecimento de um renascimento cultural e uma demonstração de que a Amazônia além de uma grande floresta, bioma, celeiro de vida para o mundo, é o lugar-espaço- tempo de pessoas, seres e sujeitos históricos em construção com um forte manacial teórico que fundamenta e sustenta a sua cultura.

Quem sou eu na Amazônia Paraense? Da consciência de si à consciência de lugar-espaço-tempo e cultura. Relato de experiência e pesquisa.

Sócrates na frase: “Conhece-te a ti mesmo” evidencia a importância essencial de um ser humano racional que é estabelecer a consciência de si, de se autoconhecer. Segundo o autor o homem ao se autoconhecer adquire a autonomia e a compreensão sobre o seu EU, imprescindível para se decretar como vivente e sujeito histórico. Para o filósofo a consciência de si gerada pelo autoconhecimento, favorece ao sujeito o sentido de pertença, protagonismo e responsabilidade perante a sua existência. Sendo assim, entende-se que existir por existir é viver sem o autoconhecimento, desta forma faz-se necessário estabelecer uma cultura e educação baseada no autoconhecimento para que o ser humano, sujeito- histórico consiga atingir a compreensão de que é, da sua própria identidade. Necessita-se existir, sabendo o sentido desse processo, isto é, o sujeito humano para existir bem e saber de si e como ele vai agir no seu tempo histórico saber quem é, ele precisa de saciedade cognoscitiva e existencial, para sê-lo, indivíduo, no mundo. É imprescindível exercitar a autonomia racional, saber quem é, categoria fundamental para a efetivação e realização humana.

Desta forma, saber pensar o processo do existir e dar sentido ao processo do existir é uma das evidências que externa a organicidade sistêmica e unívoca do sujeito. Essa organicidade gera consequências, na socialidade do sujeito. Cita-se uma delas que é a que

se destacará com este artigo que é a consciência de pertencimento, sobre o lugar, bem como, do espaço e tempo que o sujeito vivência. Outra é, a consciência de si que “gera” o processo de produzir conhecimento que prescinde de um projeto pedagógico intencional e assertivo ao processo da existência. A consciência de si, gera processo formativo pedagógico, desdobrando-se em sistema, em sistema de ensino aprendizagem. O que significa dizer que todo processo de autoconhecimento humano seja do que for, é processo pedagógico.

Nestes termos, o ponto de partida é a evidência de pertencimento do sujeito que reside no lugar-espaço-tempo Amazônia Paraense que pensa e reflete o seu modo característico de SER histórico se encontrar e refletir o descaso com a cultura e com os espaços públicos que refletem a cultura paraense. O artigo quer primeiro, proporcionar ao sujeito amazônida paraense o sentido de pertencer a um lugar, com lugar-espaço-tempo próprio que deva ser conhecido e reconhecido como sua identidade. O que ocorre é que desde a colonização amazônica pelos portugueses o processo de colonização cancelou a ancestralidade dos povos originários, tornando-os “sem cultura”, ou melhor com uma cultura mista a da Europa, fenômeno conhecido como europeização da cultura que com isso, aumentou o apagamento vigente da cultura local, enfraquecendo a consciência de pertencimento do lugar- espaço- tempo do sujeito amazônico paraense. Percebe-se a este fato, especialmente que o sujeito amazônida paraense “não” consegue demonstrar constância e eficácia a respeito da cidadania ecossistêmica que um sujeito que pertence a Amazônia Paraense deveria ter por este fato. A cultura do não pertencimento dos amazônidas, famígera a fragilidade da Amazônia além de lugar- espaço e tempo, como lugar, onde a educação, políticas públicas, cidadania e ciência inexistem ou corroboram ineficazes, provocando reações externas e interesses sócio-ambientais internacionais que veem no lugar- espaço- tempo um campo despovoado, desinformado, tecendo o bordão de que a Amazônia é desabitada, desocupada, despovoada, desprotegida, sem pensamento forte para se autoafirmar quanto povo e cultura diante das outras.

Segundo: o artigo quer demonstrar que além da Amazônia Paraense integrar a maior floresta e biodiversidade do mundo, lugar que deve ser respeitado e protegido, nele, residem pessoas, isto é, seres sociais produtores de cultura e laços profundos com a floresta, o que vai para além de uma riqueza apenas natural, pois além da fauna, flora e ecossistemas, a Amazônia Paraense é também, povo, cultura, tradição, ciência, filosofia, danças, ritmos etc. O lugar-espaço-tempo Amazônia está protegido, e amparado pelos “seus sujeitos” que fazem da Amazônia Paraense o lugar que é, que representa, sendo ecossistema também social. Outrossim, ratificando a ideia de que a Amazônia Paraense é floresta e realidade Ecosocial- cultural. É urgente nominar que além da Amazônia Paraense existe a Amazônia Paraense pensamento, cultura, filosofia.

Terceiro: Explicitando como a Amazônia Paraense tem cultura, ciência e filosofia, faz-se necessário tornar público que na própria região existem estratégias de intervenção que irão favorecer intencionalmente a disseminação da cultura Amazônica Paraense científica, epistêmica, gnosiológica e filosófica. Ocupar a Amazônia de produções científicas e filosóficas é ocupar a Amazônia de pensamento filosófico e científico para protegê-la da ignorância ou ocupações aculturais e levianas. Fundando assim, a ideia base de que também a Amazônia, assim como as grandes civilizações e seus povos, possuem o pensamento filosófico próprio que a eleva como nação e área autônoma e autossuficiente de identidade e protagonismo. A Amazônia é a terra dos Amazônidas. Claro que a frase já inaugura, um outro, trabalho de pesquisa a ser feito centrado na decolonização da cultura Amazônica. Trabalho importante e fundamental aos nossos dias, porém o faremos em outro momento. Desta vez, o trabalho é o de investigar o pensamento filosófico Amazônida Paraense ou Filosofia Amazônica Paraense para fortalecer o pensamento de que a Amazônia paraense é uma região com identidade e cultura filosófica própria.

O início

Em 2015 iniciei o trabalho de aulas de Filosofia com crianças em uma escola particular de Ensino Fundamental anos iniciais e finais, nela lecionei para crianças temas filosóficos utilizando a metodologia de Matthew Lipman, filósofo fundador da área da docência de Filosofia com crianças, mais conhecida como comunidade de investigação. Ao desenvolver a metodologia com as crianças, percebi que ao falar da filosofia como objeto do conhecimento de origem grega, provocou nas crianças muitas perguntas, dentre elas, cito: Por que só na Grécia existiu a Filosofia? Outra, as pessoas em outros lugares no mundo não pensavam? Outra, onde estamos em Belém do Pará Amazônia Brasil, existiram pessoas que pensavam filosoficamente? Outra, assim como na Grécia, na Amazônia Paraense existiram as Lendas e Mitos, por que só na Grécia existiu o nascimento do pensamento Grego e na Amazônia não temos o pensamento Amazônico, o que houve? Outra, como podemos identificar um pensamento filosófico na Amazônia após a superação dos mitos e lendas amazônicos, já houve, e se não cadê o pensamento Amazônico? Outra, cadê a Filosofia Amazônica? Essas perguntas foram feitas pelas crianças, motivadas pela aula investigativa sobre a sociedade grega que criou a Filosofia.

A comunidade de investigação, trouxe à gala questões importantes especialmente, a reflexão sobre o lugar- espaço- tempo que elas habitam, pertencem e fazem história. As respostas às perguntas conduziram às questões: Qual é a Filosofia da Amazônia Paraense? Existe a Filosofia na Amazônia? Os mitos e lendas Amazônicas Paraenses podem ser consideradas um movimento pré-filosófico da Amazônia Paraense? Qual é o pensamento do

sujeito Amazônico Paraense? Qual é a identidade do sujeito Amazônico Paraense? Será que a reflexão filosófica e a cultura do pensar desde a infância provocará o renascimento cultural para a compreensão da identidade e do protagonismo do sujeito histórico paraense.

As perguntas geraram reflexões profundas acerca da identidade e do pertencimento do sujeito há sua realidade. Elas mesmas sentiram que a falta de consciência e do sentido de pertencimento do sujeito fragmenta e dissipa culturalmente o sujeito amazônida paraense do seu lugar- espaço- tempo. Por outrossim, constata-se que o sujeito amazônico desprovido de consciência crítica de si, não assume a sua identidade, o seu pertencimento, o seu lugar- espaço- tempo cultura no seu próprio lugar. O que arrefece como consequência danosa e visível ao processo de não pertencimento e de ausência de identidade do sujeito amazônida paraense ao não pensar, proteger, cuidar e desenvolver o lugar em que habita.

Assiste-se a isso, nas atitudes e gestos cotidianos dos amazônidas urbanos, a cultura que acha que tudo o que bom vem de fora, que patrimônios históricos, podem ser esquecidos e depredados, muitos destruídos pelos próprios cidadãos nativos, é um comportamento comum e muito normalizado entre eles.

O ato irrefletido, promovido pela ausência de uma aprendizagem assertiva que coloca o sujeito em movimento sempre ao se autoespelhar e se assumir no mundo reflete o problema e propõe a necessidade de uma revisão cultural. Outro exemplo do despertencimento cultural é a reprodução de outras culturas nos espaços naturais onde não se respeita as áreas ambientais, os espaços verdes. A isto, tem-se a crença de que as vestimentas das danças locais devem ser usadas apenas nos tempos das festas folclóricas, pois elas são exóticas, e tem o caráter de fantasias. Portanto, se formos observar, o que é nativo de fato, não é exótico, mas representa o EU do sujeito que é consciente de si, mas que não é bem visto ou aceito, por que não ocorre o exercício do imergir na própria cultura, dado que o que é bom vem de fora.

Com vistas a isso, faz-se necessário reconquistar a consciência do sujeito amazônida Paraense, processo este que deve ocorrer de forma sistêmica, educacional, cultural e filosófica dando caráter científico para poder impetrar e criar o que não pode ser cancelado: o sistema filosófico amazônida. Que irá refletir no âmago do sujeito amazônida paraense, no seu perfil, na própria consciência do Sujeito amazônida.

O sujeito amazônida tendo a oportunidade de uma cultura do pensar proporcionará compreensão de si e do espaço e tempo que habita. Ele sabendo quem é, amarar-se-á, cuidar-se-á e se valorizará.

Da necessidade de uma Educação Amazônica Paraense ser filosófica. Do pensar a literatura filosófica “NA”, “DA”, e “PARA” a Amazônia Paraense. Por uma pedagogia Amazônica.

Para Lipman uma aula é a produção do conhecimento e não a memorização ou o cancelamento das identidades. Ele propõe nas aulas, ou encontros de filosofia com crianças, encontros da comunidade de investigação, onde os alunos estejam reunidos em comunidades para aprender, dialogicamente e concretamente com os seus pares. Para ele, o saber é construído por todos, dentro da perspectiva de uma investigação filosófica, dentro de um contexto dialógico e transformador do pensamento, não é memorização, nem leitura vazia da realidade, o saber é construção, dialogia, enfrentamento de ponderações e de perspectivas diversas.

Para Lipman toda investigação filosófica é prática, é autocrítica e autocorretiva. O que quer dizer que a aula deve significar afirmação de acordos, onde o desenvolvimento do sujeito pensante que vive a todo momento, em grupos, possa ser ouvido, e que também possa se expressar, resultando em um conhecimento processual e contínuo onde todos cooperam e contribuem para o entendimento dos conceitos.

Consoante a isto, sabe-se que a melhor educação é aquela que desenvolve em cem por cento o sujeito e a isso, tem-se que fomentar, desenvolver um sistema pedagógico autoral, próprio para cada público, para que o sujeito específico, possa ter contemplada as suas necessidades. Fala-se muito em formação integral, mas já se parou para pensar que para cada resultado, deva existir um processo, e um processo adequado a esse público, com a cultura própria?

Com a comunidade de investigação na turma citada, percebeu-se que para termos respostas à altura das dúvidas, começamos a nutrição cultural, com a cultura da Amazônia Paraense e o resultado foi: crianças felizes, autônomas, com a autoestima elevada, pois, a imersão em outra história social que foi a grega, era resignificada pelas suas experiências de vidas baseadas na Região amazônica Paraense.

Elas entenderam que a assim como na Grécia, também na Amazônia existe cultura, filosofia, a produção de conhecimento humano. E foi a partir de então que se mapeou o aparecimento da Pedagogia da Amazônia Paraense que é a pedagogia que mapeia, favorece e reconstrói o sujeito, ao que tipo de conhecimento ele se destina.

Com a mudança de eixo conteudista, para o Pedagogia Amazônica, percebeu-se nas crianças o empoderamento, o renascimento para a cultura da região e para o orgulho de que na Amazônia assim como na Grécia como houveram mitos e lendas, assim aqui, como na Grécia a Amazônica Paraense é uma sociedade autoral, e que não copia outra.

Constatou-se que quando se começou a estudar a Filosofia partindo de perguntas em direção a objetos locais e da realidade Amazônica Paraense, era evidente para as crianças que as lendas – Mitos foram as primeiras explicações pré-filosóficas da Amazônia Paraense e isso as fez tomar a consciência de que este ato, as fez perceber a identidade do sujeito histórico paraense. Elas conseguiram o identificar e quiseram divulgar que também elas possuem a mesma identidade.

Em virtude desta compreensão, é fato, que tudo, especialmente no campo do conhecimento e das ciências, a Amazônia não é só peculiar por seu Ecossistema, é também, peculiar por sua estrutura do pensamento filosófico. Uma vez que, essa compreensão torna as aulas de filosofia um laboratório da procura pela Filosofia Amazônica Paraense sob a motivação da pergunta: Cadê a Filosofia da Amazônia Paraense?

Nasce assim, a necessidade de uma literatura que medie, o processo investigativo da comunidade de investigação estabelecido. E assim nasceu a coleção de livros² de Filosofia com crianças da Amazônia Paraense que compõe o Projeto: Future-se na Amazônia. Filosofia e Leitura para todos³. Com o objetivo de estabelecer um percurso gnosiológico e pragmático que possibilitasse a construção do conhecimento Amazônico Paraense com o iniciado pela comunidade de investigação na turma inicial, partindo da própria identidade e questões pertinentes ao sujeito em contato com o lugar- espaço- tempo em que vivencia, surge à coleção de livros de filosofia com crianças da Amazônia.

Para além da necessidade de haver um projeto político pedagógico em torno dos estudos amazônicos, fez-se urgente imergir para além de conteúdos ao “SER” sujeito amazônico paraense algo concreto, visível, que fosse o ponto de partida para dizer, existe sim a dialogia, a discussão do pensamento filosófico na Amazônia Paraense.

Assim sendo, para além de livros, a coleção traz um método em conjunto a obra e as histórias, é necessário elucidar que o método vislumbra o exercício e a prática, chamado de **A NUTRIÇÃO** do SER amazônico Paraense.

E que método seria esse? Seria a **Pedagogia Amazônica Paraense**⁴. A pedagogia que está alinhada as necessidades gnosiológicas, metafísicas e hermenêuticas do sujeito amazônida, que é expressão da Amazônia viva- seus sujeitos históricos.

Mediante ao exposto, tem-se: A Pedagogia Amazônica Paraense que consiste em proporcionar ao sujeito nativo da Amazônia Paraense condições onde em contato com o lugar,

2 **ROSSI**. Aline. Filô Zezinho em...O que é a Filosofia? Ed. Pública Dalcídio Jurandir. Imprensa Oficial do Estado do Pará. Belém Pará. 2019.

3 **ROSSI**. Aline. Future-se na Amazônia. Filosofia para todos. Ed. Pública Dalcídio Jurandir. Imprensa Oficial do Estado do Pará. Belém Pará. 2022

4 Termo teórico para explicitar o método que caracteriza a pedagogia alcançada e resultante das aulas baseada no método AAPP de autoria da autora deste artigo.

cultura, culinária, dança, ideias e necessidades, sejam e gerem situações de aprendizagens a este indivíduo onde a cultura do pensar amazônico prevaleça, onde desde a infância as crianças tenham acesso a aulas que priorizem a formação do pensamento filosófico amazônico paraense, onde elas construam argumentos, façam investigações profundas sobre a realidade que estão vivendo.

A exemplo de 2015, ao iniciar a aula de filosofia com crianças, aquela turma, aqueles alunos, não conseguiram pensar uma filosofia só grega, mas também não conseguiram pensar uma filosofia amazônica, porque lhes faltava o nexo lógico gnosiológico, retirado como processo de ocupação do território amazônico ainda pela colonização europeia. Mas, após o processo maiêutico de investigações assertivas, intencionais e filosóficas eles conseguiram pensar para além da cultura grega e ampliaram a discussão e reflexão para a região Amazônica paraense.

A aula tornou possível o conhecimento filosófico, mediante a dialogia pragmática e holística que só a busca filosófica oportuniza dentro das comunidades de investigação, e foi e, deverá ser um movimento que propicia a inovação e disrupção da educação na Amazônia, cada vez que o projeto Future-se na Amazônia for colocado em prática. Demonstrando que *Filosofia e Leitura* para todos é essencial ao processo de compreensão e entendimento de si desde a primeira infância e ao longo da vida acadêmica e extra instituição escola.

Na prática estruturou-se, nasceu um método pedagógico que foi baseado em quatro pilares, que são: Primeiro: **Ambientação**, Segundo: **Apresentação**, Terceiro: **Perguntas-Investigação**, Quarto: **Produção de saberes**. Resumindo, tornou-se o método com a sigla: AAPP. Que consiste em: Etapa- número 1- **A ambientação** que consiste em você proporcionar ao aluno o espaço voltado aos conteúdos que irá fazer sentido a ele, quando for abordado a discussão temática.

Com a turma pesquisada, percebeu-se que o tema: O nascimento da Filosofia na Grécia, só fez sentido, quando se saiu da sala, foi-se para área externa e diante do jardim, iniciou-se várias perguntas sobre o que eles estavam vendo, outra, e se eles fossem filósofos e precisassem explicar algum fenômeno da natureza qual seria?

Foi só assim que os alunos conseguiram pensar o lugar, e experimentar a angústia de não saber explicar os fenômenos e ter que dar respostas às perguntas etc. Ali observando a natureza e tentando experimentar o espanto com relação aos fenômenos da natureza, eles conseguiram entender que a realidade grega não era diferente da deles, e mesmo em espaço- tempo- lugares diferentes, a dúvida, o espanto, as perguntas são fatos verossimilhanes e porque não dizer, resultado da consciência universal racional, outrossim, existindo a resposta e um conhecimento específico para isso, e que se deve buscá-lo.

Com a aula de filosofia as crianças, elas entenderam que a realidade é um grande laboratório e tal como os gregos, também os amazônidas podem e devem pensar e explicar a realidade. Uma aluna exclamou durante a aula: - Não é difícil explicar as coisas! - Elis 8 anos.

Para atingir a pedagogia amazônica o espaço, o lugar que se propõe é a dialogia da comunidade de investigação, e que deve ser um lugar que reflita o lugar- espaço- tempo Amazônia Paraense. Sugere-se que sejam espaços luminosos, em contato com o verde das áreas externas às salas de aula, podem ser parques ambientais, bosques, jardins, área de preservação, praças, lugares que sejam históricos e vislumbrem a cultura local, esse elemento deve ser prioridade e norteador da Pedagogia Amazônica Paraense.

Constatou-se que, as aulas em contato com o chão, terra e lugar verde, ou lugar histórico e em contato com a natureza, há uma imersão cognitiva responsiva que é necessária, em se tratando de educar para o meio ambiente para a sustentabilidade e para ser sujeito histórico amazônida.

Reitera-se que o contato com o meio ambiente que a criança experimenta, possibilita ao sujeito, a potencialização cognitiva, o entrelaçamento da sua identidade como espaço que ele acolhe. Promovendo assim, ao que ele sabe e ao que sabe, sente o que vê, e observa, o sentido e a atitude ética responsável e o com cuidado necessário para a salvaguarda cultural. Logo, a sua atitude e convivência, será ecossistêmica e cosmológica. Digo, atitude ética verde, isto é, atitude preocupada com o lugar que habita no universo.

Secundariamente, **a Apresentação** que consiste em investir, intencionalmente na maneira como se apresenta a realidade para o sujeito amazônida paraense, e no que tangue a apresentação? Consiste em “fazer VER”, exercitar o olhar, treinar o olhar do aluno, dando-lhe as devidas condições para que ele vá além do aparente para o que é profundo e essencial. Tornando o olhar sensível e um olhar que treine o pensamento do sujeito frente a fotos, situações e realidades que são, existem, estão diante de nós, deles.

Pode ser feito passeios na rua, no bairro, nos pontos turísticos, nos patrimônios públicos, o foco central é sensibilizar, impactar o sujeito ao que ele vive. Pois o pensamento crítico, torna-se crítico após a sensibilização, imersão e experiência do tema.

Nesse íterim, faz-se complementar, elucidar o papel da oralidade, no contar as histórias, e contar é até mesmo ler, sim! Ler! A nossa cultura é também aproximação oral e escrita e o processo do pensar crítico- reflexivo com identidade, reforça-se pelo ato da leitura. Por isso, criou-se a coleção específica e que pode ser ponto de partida para muitas outras produções. O que a faz ser diferenciada é o cunho investigativo, propulsor da dúvida e de questões que levam ao pensar lógico e formal.

Outrossim, tem-se a 3ª etapa que é a etapa **das Perguntas**, que consiste em o aluno interpelar-se, interpelar ao leitor que faz o uso da palavra para ler ou dialogar a respeito

dos temas propostos, as perguntas fazem pensar sobre si mesmo e dar respostas com atos concretos que transformem a realidade. Por tanto, a investigação é quase que uma ação espontânea, o que possibilita a atualização gnosiológica, pragmática e metafísica da realidade.

A investigação é a etapa onde o professor é o mentor e mediador da construção do saber significativo para os alunos. A esta maneira os alunos elaboram questões, evidenciam problemas, pesquisam realidades e vão pontuando cada descoberta para ser investigada. Após o exaurimento das perguntas por meio das pesquisas, há a evidenciação dos problemas pelo aluno inicia o processo da produção de saberes.

Com efeito, após a ambientação, o aluno externa inúmeras conexões que ele consegue realizar sobre o ser integral subjetivo a realidade. E daí, finaliza-se o processo na 4ª etapa: a Produção de saberes. Nessa etapa, o aluno se vê pleno de conhecimentos alusivos à sua participação e protagonismo no processo da comunidade investigativa, favorecendo-o a escrever textos, produzir ideias, fazer comparações, elucidar perguntas, fazer outros questionamentos, aprofundar crenças, em fim, com a produção de saberes o aluno demonstra que é protagonista do saber e autônomo da compreensão de si.

Eis o método que dá origem a Pedagogia Amazônia Paraense, e que toma como base o aspecto da produção de pensamento filosófico **na, da e para** a Amazônia Paraense.

Future-se na Amazônia

O tema Future-se na Amazônia, é o tema do projeto que torna possível o acesso da filosofia e leitura para todos na Amazônia Paraense e inaugura um novo paradigma e uma nova pedagogia. Ou melhor, torna intencional e direciona atos assertivos para o desenvolvimento da cultura do pensar na região. Fato decisivo para defender o lugar de fala do nortista paraense como sujeito de identidade e protagonismo dentro e fora da sua região.

O projeto ilustra o resultado do método da pedagogia da Amazônia Paraense fruto da ação pedagógica de gerar e agregar formação integral regional ao educando paraense. Hoje, fala-se da Amazônia internacionalmente com uma naturalidade e sentimento de pertença incríveis de pessoas que não são da região e nem do país, o que representa o apagamento do sujeito histórico nortista que precisa ser reivindicado e reassumido pelos nativos da Amazônia paraense.

Fazendo contraponto cultural, a palavra final sobre a Amazônia sempre deveria ser do sujeito que a habita, do sujeito que nasce e vive os seus dramas, ou na mesma proporção dos não nativos, os sujeitos da Amazônia viva e floresta devem ter a prioridade ao local de fala do seu território e cultura, pois a Amazônia, não é só um espaço de biodiversidade natural é também e não menos importante um lugar de pessoas que expressam um só o corpo, chamado Amazônia paraense.

A fim de corrigir essa ausência, faz-se necessário estruturar o presente, especialmente o sistema educacional vivido no Pará, e a proposta deste artigo é a contribuição, de um projeto que envolvendo, Filosofia e Leitura, o discente, o sujeito histórico paraense, passe a sentir, o lugar-espaco-tempo da sua Região, com mais sentido de pertença e protagonismo.

Assim como Peter Drucker afirmava: “Não podemos prever o futuro, mas podemos criá-lo.” Assim como para o autor, o futuro não se constitui de decisões futuras, mas de decisões presentes, entende-se que para reconfigurar o sujeito histórico paraense, deva-se criar agora no presente uma reflexão decolonial e já lançar um sistema que favoreça este sujeito ao futuro global que a Amazônia está colocada.

Assim, futurar-se na Amazônia, é concretizar a Educação- Formação necessária no presente, para acolher o futuro que se cria com um novo sistema de educação com uma pedagogia própria com responsabilidade, identidade e protagonismo.

O sujeito amazônida, precisa ter claro a sua identidade, o seu SER, o seu perfil, saber quem é, pois, como já dito, o autoconhecimento é a mola propulsora da constituição do autodomínio, autonomia, autogestão, autoestima, e existência na realidade.

O sujeito amazônida com autoestima elevada, sabendo que a sua região tem o seu valor e que ela, além dos bens naturais, ele é também um bem com valor, fará toda a diferença no cenário local e internacional, especialmente na proteção, cuidado e preservação das riquezas do seu lugar.

A educação do sujeito amazônida precisa caminhar com este objetivo pois a salvaguarda do lugar, a priori, precisa ser uma prioridade no sentido de autopreservação do lugar, como autopreservação de si mesmo.

A Amazônia está habitada, geograficamente, sua área precisa ser protegida, porém não é fatiando o espaço internacionalmente que só assim será protegida, a Amazônia paraense é um espaço habitado, com pessoas que são, o próprio ambiente e que deve ser também, um elemento a ser preservado, cuidado e valorizado.

Para isso acontecer, o sujeito amazônida paraense, precisa de espaço sócio reflexivo a altura dessa imersão, cultural-filosófica-literária, faz-se impreterível o **ACESSO DE TODAS AS PESSOAS** ao exercício da investigação, da dúvida, da cultura do pensar, por meio, do exercício filosófico, dentro das instituições escolares e para além delas, das instituições acadêmicas. Pois, assim como, respira-se, o pensar é ininterrupto e constante, não deixamos de pensar nunca, logo é auspicioso uma educação que aperfeiçoe, exercite, constitua o que é necessário e intrínseco, como é o pensar.

A função da educação filosófica é nutrir o ser naturalmente filosófico, e o profissional adequado a isto, é o filósofo, ou profissional oficineiro-instrutor que de alguma maneira

recebeu uma formação para trabalhar a dúvida e a investigação em comunidade de investigação filosófica.

O material a ser utilizado, as obras podem ser as filosóficas, adequadas a idade e que de preferência explore a realidade que o aluno vivencia, delineados por autores (as) filósofos (as), ou literaturas e leituras que proporcionem a dúvida, a investigação, a pesquisa que deixa o investigador imerso em um mundo de possibilidades do conhecimento e que estimulem aos alunos ao fazerem perguntas, isto é, pensarem com autonomia, a realidade que está sendo apresentada.

O projeto ***Future-se na Amazônia. Filosofia e leitura para todos***, preocupa-se em possibilitar ao sujeito amazônida paraense: ambientar-se, apresentar-se, investigar-se, e produzir conteúdo que o torne leitor dos registros e das realidades sócio-culturais a que estão inseridos, valorizando-se em um processo de autoaceitação, autocuidado com auto representação ao meio ambiente que vive e que faz parte.

A educação se faz com pessoas, cultura e livros. O acesso a Filosofia de forma literária, representando personagens regionais, no ambiente regional significa, trabalhar a representatividade, a autoestima, a autonomia do sujeito que consegue se enxergar e abstrair do que vê, lê e pensa conjecturas e encadeações que o oportunizará a refletir, pensar a agir com mais assertividade no seu lugar, especialmente fazendo-o reconhecer-se no lugar, na cultura, no que é tangível e próprio seu.

Sabe-se que a Filosofia é uma disciplina curricular culturalmente abraçada por alguns governos como composição obrigatória a ser ministrada nas escolas, porém para além das escolas, é necessário, começar a pensar e perceber que a Filosofia é um elemento cultural para além da formação escolar, pois ela é mais que um componente curricular, ela é uma atividade neural, responsável pela característica humana que distingue os seres humanos de outros seres, sendo assim, é fulcral torná-la para além dos muros das escolas e universidades, estabelecendo políticas públicas que viabilizem isso, tornando o exercício filosófico como formação geral do cidadão, assim, como por exemplo, a formação do condutor de trânsito, todos devem ter acesso ao exercício filosófico, para treinar a razão e, por conseguinte, aperfeiçoar a sua humanidade que seria a sua racionalidade, isto é, o ser racional. Democratizar a filosofia é democratizar a cidadania.

A filosofia como proposta literária, sendo o elemento que propulsa um tema, uma história, é uma proposta que alia a linguagem como expressão do pensamento, e do pensamento que se externa em linguagem como expressão racional.

Em suma, falar é pensar, e pensar é falar, quanto mais pensamos mas organizamos a fala, e quanto mais falamos, mais organizamos o pensamento. Desta forma, em vista disso, é inegável que a leitura está para a filosofia, assim como linguagem e pensamento

não podem viver isoladamente, e pensando a isso, a literatura filosófica é fundamental na formação do sujeito amazônida em suas várias dimensões e interfaces.

O paradigma filosófico da Amazônia Paraense

Como anteriormente foi citado, a pergunta da aluna Elis de 8 anos, do 2º ano do Ens. Fundamental Anos iniciais, ainda hoje, faz-se presente, e a sua inquietação e perplexidade do porquê na Amazônia, mediante a experiência embrionária da Filosofia por meio das Lendas e Mitos, não seja popular a cultura filosófica e não haja a Filosofia da Amazônia Paraense é uma inquietação também acadêmica.

E para fazer uma aproximação acadêmica que responda a isso, é necessário citar Lipman que foi o idealizador da didática da Filosofia com crianças, onde diante de uma interpelação como a da Elis, elucida que a pergunta iniciada pelo investigador, é um conhecimento que o requererá muito tempo para ser respondido, pois os processos neurais do conhecimento, não se esgotam ou se esvaziam com as inúmeras possibilidades de respostas.

Logo, a pergunta da Elis, assim como, as demais perguntas, feitas pelos colegas de classe dela e de outras turmas, e de outros anos, são processos que cada sujeito histórico que se apropria do exercício filosófico, irá respondendo durante toda a sua vida. Assim, essa ideia, coloca em relevo o nascimento de um modelo de aprendizagem e educação. Assim, nasce o método AAPP, por isso, não se pode moldar o processo desencadeado pelas aulas e projeto de filosofia, a um modelo já existente. Pois ele é instância de movimento e processo.

A didática abordada gerou um novo clímax sistêmico, apontou falhas para a ausência da identidade e do protagonismo amazônida paraense e da mesma forma, demonstrou soluções e práticas de intervenção para gerenciar um movimento novo, um movimento que estipulará um futuro diferente do proposto, pelo sistema anacrônico que não acompanha as exigências atuais que fecundam o futuro.

Finalizando, o mundo pensa a Amazônia, quer preservar a Amazônia, e os amazônidas paraenses, como estão acolhendo, percebendo e vivendo esse processo, a pesar do grande respeito a todos os países do mundo?

O Pará não investe, não pensa, não preserva nenhum outro país no mundo. Por que com muita veemência, tal ação pode ser feita com muita naturalidade e sem nenhuma reflexão disto, ao seu contrário? O mundo quer preservar a Amazônia paraense e a Amazônia, mas para o sujeito que é a Amazônia viva e habita nela como é esse processo? Como ele está compreendendo que o seu espaço está sendo requerido por outras culturas do mundo? E qual o motivo que o leva a querer copiar o que vem da cultura de fora, e não valorizar, proteger e cuidar do que é seu?

Faz-se, importante e necessária a reflexão e exercício literário pedagógico a respeito disso para que o sujeito histórico paraense, se veja, se perceba amazônida paraense privilegiado por estar no espaço mais cobiçado do mundo.

■ CONCLUSÃO

A Amazônia é uma realidade orgânica e complexa, não pode ser compreendida apenas como um celeiro natural, pulmão do mundo como muitos conclamam. A Amazônia são florestas e pessoas. Essas pessoas, possuem, identidade e são protagonistas do lugar- tempo- espaço que vivem. Preservar a Amazônia é preservar o organismo inteiro, que significa valorizar, preservar os povos que nela residem.

O artigo procurou elucidar a realidade de uma cultura do pensar na Amazônia paraense, aspecto fundamental e estratégico para o mesmo se perceber com identidade e agir com protagonismo em sua região, fato que infelizmente não ocorre devido a ausência de uma cultura para o pensar.

Compreende-se que o que ratifica um povo, é a estrutura do pensamento. O que o torna uma nação uma autoridade e protagonista da existência no lugar- espaço- tempo que habita é a sua maneira de pensar, de uma pensamento orgânico enfatizado pelo pensamento filosófico desta. A proposta do paradigma inculturado na forma filosófica de ser do amazônida paraense, refletindo na pedagogia Amazônica, é basilar para a efetivação de uma educação significativa e ecossistêmica, paradigma do novo tempo para a Região Paraense. Como foi tratado ao início do artigo, é um caminho para novas reflexões e possibilidades, para um futuro que se cria e se conquista no hoje.

■ REFERENCIAIS

SILVA, Christian Nunes da Silva... (et al). Uso dos recursos naturais da Amazônia Paraense (Livro eletrônico). Belém/PA: Grupo Acadêmico produção do território e meio ambiente na Amazônia- GAPTA/ UFPA, 2021.

RODRIGUES. Anderson Luiz Cardoso. A complexidade da cultura Amazônica e seus reflexos para a organização e representação da informação. Revista Eletrônica A.To.Z novas práticas de informação e conhecimento. V. I, N. 2, JAN/DEZ. 2012. Biblioteca Digital de Periódicos da Universidade Federal do Paraná.

MACIEL. Rogério Andrade... (Col.). Cultura Material em contextos não escolares na Amazônia Paraense. Coleção Cultura material nos múltiplos contextos sociais - Volume 1.2020. Editora CRV.

MONTEIRO. Raimunda. Amazônia, Espaço- Estoque: a negação da vida e esperanças teimosas. Belém/ PA. Editora Pública Dalcídio Jurandir. Imprensa Oficial do Estado do Pará- IOEPA, 2021.

ROSSI. Aline. Filô Zezinho. O que é a Filosofia? Belém/PA. Imprensa Oficial do Estado do Pará, 2020.

ROSSI. Aline. Filô Zezinho em --: Sou livre? Belém/PA: Editora Pública Dalcídio Jurandir. Imprensa Oficial do Estado do Pará, 2022.

ROSSI. Aline. Filô Zezinho em --: Mirian Filósofa na Amazônia. Belém/PA: Editora Pública Dalcídio Jurandir. Imprensa Oficial do Estado do Pará, 2022.

ROSSI. Aline. Filô Zezinho em --: Game Over Amazônia: O Dilema do Futuro. Belém/PA: Editora Pública Dalcídio Jurandir. Imprensa Oficial do Estado do Pará, 2022.

ROSSI. Aline. Filô Zezinho em --: Atitudes: Por Uma Amazônia de Valores. Belém/PA: Editora Pública Dalcídio Jurandir. Imprensa Oficial do Estado do Pará, 2022.

ROSSI. Aline. Filô Zezinho em --: O Ponto de Vista é a Vista de um Ponto: Investigações sobre a VER- dade. Belém/PA: Editora Pública Dalcídio Jurandir. Imprensa Oficial do Estado do Pará, 2022.

ROSSI. Aline. Filô Zezinho em --: Future-se na Amazônia: Filosofia para todos. Belém/PA: Editora Pública Dalcídio Jurandir. Imprensa Oficial do Estado do Pará, 2022.

BROCANELLI, Cláudio Roberto. Matthew Lipman: Educação para o pensar filosófico na infância. Petrópolis. RJ: Vozes; 2010.

LERMEN. S...(et al). Filosofia com crianças na escola: prática de leitura, escrita e exercício do pensamento na problemática do tempo. Universidade do Vale do Rio dos Sinos.

ROSA. Maria A. L Piai (col.) A comunidade de investigação: O diálogo como estratégia de aprendizagem. Anais. UEL.

BARROS. Joana Darc do Nascimento. (et al.). O Ensino de Filosofia para crianças: sentidos, significados e possibilidades. Instrumento. Revista de Estudo e Pesquisa em Educação. 2020.